

GAZETA

VALSASSINA

À CONVERSA COM ESCRITORES

**Maria Teresa
Maia Gonzalez**

**Richard
Zimler**

**Gonçalo M.
Tavares**

João

Miguel

Tavares

Maria João

António

Mateus

Lopo de

Carvalho

Patrícia Reis

Margarida

Fonseca

Santos

João

Rebocho

Pais

João Tordo

**David
Machado**

índice

Nota de abertura	1
Gonçalo M. Tavares	2
Margarida Fonseca Santos	4
João Tordo	6
João Miguel Tavares	8
Maria Teresa Maia Gonzalez	10
Maria João Lopo de Carvalho	12
António Mateus	14
David Machado	16
Richard Zimler	18
João Rebocho Pais	20
Patrícia Reis	22

FICHA TÉCNICA

Fundadores **Frederico Valsassina Heitor**
Maria Alda Soares Silva e seus Alunos
Diretor **João Valsassina Heitor**
Diretor Editorial **João Gomes**
Paginação **Diana Almeida**

Propriedade **Colégio Valsassina**
1ª edição: setembro de 2016

Colégio Valsassina
Quinta das Teresinhas,
1959-010 Lisboa
218 310 900

geral@cvalsassina.pt
www.cvalsassina.pt

nota de abertura

Maria Alda Soares Silva
Diretora dos Departamentos Didáticos
e Coordenadora do Departamento de Línguas

O escritor José Tolentino de Mendonça, na sua intervenção nas "**Correntes de Escritas**" sugeriu que um bom livro pode funcionar para ao leitor como "**Um acelerador de partículas**", um instrumento inteligente "**que ajuda a compreender a complexidade do mundo**".

É também com esse sentimento que o Colégio fomenta o prazer da leitura, desde o Jardim de Infância até ao 12º, com estratégias variadas, nas quais se destaca o convite feito a escritores para virem às turmas.

A figura do "**escritor**" tem prestígio e um forte poder na imaginação e curiosidade dos nossos alunos e a sua proximidade, o diálogo mais informal sobre a obra ou obras, reverte sempre numa conquista de leitores.

Um dos pontos mais altos destes contactos é a entrevista final, preparada pelos nossos alunos e que não raras vezes ultrapassa largamente o previsto.

A inteligência, a abertura às perguntas, a transmissão do que é, para cada escritor, o "ato de escrita" estão largamente testemunhadas nas várias entrevistas que se seguem.



Gonçalo M. Tavares

Gonçalo M. Tavares nasceu em 1970. Publicou a sua primeira obra em dezembro de 2001. Editou romances, contos, ensaio, poesia e teatro.

Em Portugal recebeu vários prémios, entre os quais: o Prémio José Saramago 2005 e o Prémio LER/Millennium BCP 2004, com o romance *Jerusalém*;

o Grande Prémio de Conto da Associação Portuguesa de Escritores “Camilo Castelo Branco” com *Água, Cão, Cavalo, Cabeça*. Em Janeiro de 2012 venceu a quinta edição do prémio literário Fundação Inês de Castro, com o romance “*Uma Viagem à Índia*”.

Recebeu também vários prémios internacionais: Prémio Portugal Telecom 2007 (Brasil); Prémio Internazionale Trieste 2008 (Itália); Prémio Belgrado Poesia 2009 (Sérvia); Nomeado para o Prix Cévennes 2009 – Prémio para o melhor romance europeu (França).

Os seus livros estão a ser editados em trinta e cinco países.

Jerusalém foi o romance mais escolhido pelos críticos do Público para “Livro da Década”.

Os seus livros deram origem, em diferentes países, a peças de teatro, peças radiofónicas, curtas-metragens e objectos de artes plásticas, dança, vídeos de arte, ópera, performances, projectos de arquitectura, teses académicas, entre outras obras.

O que representa para si escrever?

É uma necessidade física.

Qual o livro (ou livros) que mais o marcou, como leitor?

“*Cartas a Lucílio*”, de Seneca, com edição da fundação Calouste Gulbenkian.

Falo sempre desse livro porque é um livro extraordinário, que foi escrito há dois mil anos. Porém, independentemente da época em que foi escrito, é muito mais atual do qualquer livro recente ou jornal de hoje.

É um livro que, na minha opinião, é uma autêntica bíblia.

Tem rotinas de escrita?

Tenho, costumo escrever de manhã, no meu atelier. Costumo escrever deste muito cedo, até às três da tarde, sensivelmente. Tento manter sempre esta disciplina porque acho que é vital.

Quando começa a escrever um livro, tem logo uma ideia do final?

Não. Escrevo sem saber nada. Sem saber que personagens vão aparecer, sem saber o que vai acontecer, etc.

Quais as coisas/ motivos que o influenciam a escrever uma determinada obra, de uma certa maneira?

A forma de escrita determina muito o conteúdo. E o modo como me sinto na altura.

Na entrega do prémio “José Saramago”, em 2005, José Saramago disse que seria, dentro de 30 anos, o próximo prémio Nobel português. O que representou, para si, esse elogio?

Foi muito simpático e honroso receber tal elogio de uma pessoa como Saramago. É ótimo ouvir isto e é um sinal de reconhecimento do meu trabalho.

É sempre gratificante quando outros escritores entusiasmam-se pelo que fazemos, mas o importante é continuar com vontade de fazer coisas novas e não ficar fascinado com os elogios que recebe, nem ficar com medo com as críticas que possa receber.

Vê-se como o próximo prémio Nobel Português?

Não é o meu assunto, eu só me preocupo como os assuntos que dependem de mim, como levantar-me de manhã cedo para escrever, e é com isso que me preocupo.

Para além de escrever também dá aulas...

O que representa para si ser professor?

É uma maneira de sair da minha sala e de conhecer diferentes gerações.

Gosto muito.

Como incentivar as pessoas a ler e a escrever mais?

Na minha opinião, quanto mais se lê, mais vontade de escrever se tem, por isso acho que mais importante do que incentivar alguém a escrever, é incentivar essa pessoa a ler. Mas não chega ler só por ler, é ler muito, mas ler bem, não ler sempre a mesma coisa e ler livros bons.

Quanto mais livros bons se lê, mais tarde quando se escreve, melhor se percebe se o que se escreve tem qualidade ou não.

O importante é as pessoas lerem, embora não goste muito da leitura obrigatória, uma vez que a leitura deve ser um prazer.

Na minha opinião, não se deve ler um livro por obrigação; mesmo eu, hoje, começo a ler livros, com uma grande reputação, por vezes entendiam-me, e, o que faço, em vez de culpar o livro, é guardá-lo, para uma altura em que, mais tarde, o abra e sintam entusiasmo em lê-lo. Na minha opinião, isto acontece porque há estados de leitura, que dependem até do próprio dia: às vezes às três da tarde apetece-me ler um livro e às três e meia apetece-me ler outro completamente diferente.

Está a escrever algum livro neste momento? Que projetos tem...

Estou sempre a escrever, mas nunca sei bem o que vai sair. Guardo muito tempo e só passados muitos anos é que percebo o que fiz.

Joana Luís e Mariana Viegas 11º1A

Entrevista publicada na edição de março de 2012 da Gazeta Valsassina



"Estou sempre a escrever, mas nunca sei bem o que vai sair. Guardo muito tempo e só passados muitos anos é que percebo o que fiz."

Margarida Fonseca Santos

Margarida Fonseca Santos nasceu em Lisboa, a 29 de Novembro de 1960.

Tirou o Curso Superior de Piano no Conservatório Nacional. Deu aulas em várias escolas, nomeadamente na Escola Superior de Música de Lisboa entre 1990 e 2005. Começou a escrever em 1993. Tem vários livros publicados, na sua grande maioria para crianças e jovens, e escreve com regularidade para teatro. Orienta ateliers de escrita para crianças, adultos e professores (Escrita Criativa, Escrever teatro para Crianças e Jovens, e Escrever para Crianças e Jovens).

O que representa para si ser escritora?

Representa poder trabalhar naquilo que mais gosto, escrever. Esta é uma vida repartida pela escrita, pelo teatro (escrever peças), contar histórias, dar cursos de escrita criativa e ir às escolas falar com quem leu os meus livros, como foi o caso do vosso colégio. Sinto igualmente que é uma espécie de missão - se posso ajudar a fazer do mundo um sítio onde se possa viver mais atento aos outros, de forma mais partilhada, através do que escrevo, devo fazê-lo sem hesitação.

Onde se costuma inspirar para escrever as histórias?

A inspiração é recolhida todos os dias, em pequenos pormenores, frases, imagens, conversas, detalhes. Quem tem como profissão escrever anda sempre no mundo a vê-las surgir e a guardá-las. Umas aproveitam-se, outras não, mas faz parte da minha forma de ver o dia-a-dia esta atenção que me leva para as histórias.

Qual foi o livro que mais a marcou como leitora?

Não hesito - "O Homem sem nome", de João Aguiar. Foi como se tivesse encontrado a verdadeira magia da escrita e da leitura. Mudou-me como pessoa, mas sobretudo como escritora. É um livro que releio amiúde pois, a cada leitura, redescubro pormenores e pontes entre o imaginado e a realidade, numa junção perfeita.

Qual foi o livro que mais gostou de escrever?

Houve dois, talvez. O primeiro foi certamente "O Aprendiz de Guerreiro", que foi um trabalho longo e apurado sobre aquilo que penso e sinto do mundo. É o início de uma coleção juvenil, *O Reino de Petzet*, que vai ser reeditada em breve. O outro foi sem dúvida o último romance, "Deixa-me entrar na tua vida", pois corresponde à trans-posição de casos reais sobre a perda, dependência do álcool, co-dependência, para a escrita. Senti que precisava de falar deles e, assim, permitir que quem está dentro ou rodeado pelo problema possa sentir-se acompanhado.

O encontro que teve, no passado dia 25 de janeiro, com os alunos do Valsassina foi centrado no livro "Uma questão de azul-escuro". É um livro sobre a violência (nas escolas, nas ruas, na vida...). Qual tem sido a receptividade dos jovens sobre este livro?

Tem sido excelente. O livro mostrou-se transversal em termos de idades, sendo lido desde o 3º ao 9º ano. Penso que o facto de ter relatado de forma emocional o que passa quando a violência entra na vida de uma pessoa foi fundamental para este carinho que o livro tem recebido.

E qual a sua receptividade quando vai às escolas e fala sobre este tema e o seu livro?

A receptividade tem sido preocupante... Acontece-me com uma frequência assustadora encontrar, no final das sessões, um aluno que se sente com espaço para falar do que aconteceu consigo, numa conversa privada. Estamos muito desatentos nas escolas. Há muito mais violência do que pensamos, e muita gente a sofrer com isso.



Sessão com os alunos do 6ºB e 6ºD

“Para mim, ser professor é nunca perder a esperança de ver crescer um aluno”

Por outro lado, têm-me sido relatadas experiências, ao nível da leitura em sala de aula, de grande silêncio, de inícios de conversas quase impossíveis antes da leitura, de partilhas e entreajuda. É extraordinário quando isto acontece, a leitura pode realmente modificar a forma de estar na vida.

Como caracteriza o seu público mais jovem?

Bom, depende do que lêem meu. Tenho livros para idades muito diferentes, o que vai resultar em públicos diferentes. Não sei se existe um público que seja meu, acho que não. Sei que tenho (temos, eu e a Maria João Lopo de Carvalho) um grupo particular de seguidores com os “7 irmãos”, que continua arredado das leituras na sala de aula mas que entrou no coração dos jovens a braços com isto de crescer. São livros que falam de como cada um dos irmãos vive a adolescência, mas toca em muitos assuntos que são fundamentais: lidar com a autoridade, viver em partilha, ajudar quem precisa, emendar erros, ganhar forças; fala-se também de assuntos delicados, como a homossexualidade, a morte, a mentira, etc. Os jovens já perceberam o que estes livros lhes trazem, e muitas vezes nos escrevem a dizer que sentem que estão a ler uma espécie de diário das suas vidas. Diria que estes jovens querem encontrar-se a si mesmos nos livros.

Ao longo da sua vida já teve a possibilidade de dar aulas em algumas escolas. O que é para si ser professor?

Para mim, ser professor é nunca perder a esperança de ver crescer um aluno (em conhecimento e como pessoa), é partilhar uma visão apaixonada e carregada de possibilidades com os alunos, é estabelecer relações que permitam à turma evoluir como pessoa, é inventar a cada aula uma nova forma de dar autonomia no conhecimento. Já ensinei muitas matérias, este é o denominador comum. Entregar-se de alma ao que fazemos. Os resultados são sempre surpreendentes.

Como incentivar as pessoas a ler e a escrever mais?

Acho que o segredo já foi posto em prática no 1º ciclo, falta perceber que isso tem de se repetir para sempre. Contar histórias é a tarefa que devíamos continuar ao longo de toda a vida escolar dos jovens, pois é ela que faz a ponte com a leitura. Por outro lado, trabalhar a escrita de forma lúdica e despida de objetivos concretos (gramática, sintaxe, etc.) permite que a criança e o jovem possam finalmente entrar em contacto com o texto e sentir prazer nele. Resumindo, quanto mais se ouve contar histórias, mais se tem curiosidade em ler; quanto mais se experimenta escrever de forma divertida, se valoriza o texto dos livros e dos nossos próprios escritos. Ler e escrever tem de ser visto como uma atividade que dá prazer, é aí que reside o segredo.

Turmas 6ºB e 6ºD

Entrevista publicada na edição de março de 2013 da Gazeta Valsassina

João Tordo

João Tordo nasceu em Lisboa em 1975. Licenciou-se em Filosofia e estudou Jornalismo e Escrita Criativa em Londres e Nova Iorque. Em 2001, venceu o Prémio Jovens Criadores na categoria de Literatura. Publicou os romances *O Livro dos Homens sem Luz* (2004); *Hotel Memória* (2007); *As Três Vidas* (2008), que recebeu o Prémio Literário José Saramago e cuja edição brasileira foi, em 2011, finalista do Prémio Portugal Telecom; *O Bom Inverno* (2010), finalista do prémio Melhor Livro de Ficção Narrativa da Sociedade Portuguesa de Autores e do Prémio Literário Fernando Namora e cuja tradução francesa integra as obras seleccionadas para a 6.ª edição do Prémio Literário Europeu; e *Anatomia dos Mártires* (2011), finalista do Prémio Literário Fernando Namora.

Os seus livros estão publicados em França, Itália, Brasil, Sérvia e Croácia. Trabalha como cronista, tradutor, guionista e formador em workshops de ficção.



Inspira-se frequentemente em experiências pessoais para criar os enredos e desenhar as personagens dos seus romances?

Tenho vários livros que partem de situações que me aconteceram, como o *Bom Inverno*, por exemplo, que se baseia numa série de televisão, *Dr. House*, a que assisti durante meses, fechado em casa, em cuja personagem me inspirei para construir a de um escritor frustrado e hipocondríaco. Também o meu último romance, *O Ano Sabático*, parte do facto de eu ter tido um irmão gémeo que morreu com poucas horas de vida, a partir do qual construo a narrativa, escrevendo sobre dois gémeos que não se conhecem e que descobrem que são idênticos, que nasceram no mesmo dia, na mesma hora, no mesmo lugar. Há ainda outros romances, como *O Livro dos Homens Sem Luz*, cuja ação se desenvolve em Inglaterra, país onde vivi durante quatro anos. Muitas das coisas que foram acontecendo ali estão de certo modo retratadas.

Porém, isto não significa que os livros são autobiográficos, porque não o são, mas sim que decorrem de algumas situações reais a partir das quais ficciono.

No seu último romance, *O Ano Sabático*, o irmão gémeo que descreve é aquele que imagina como sendo o seu irmão?

Eu só consigo imaginá-lo partindo de mim mesmo. E se ele fosse idêntico a mim seríamos exactamente a mesma pessoa. Eu inspirei-me em mim mesmo para construir a personagem do meu irmão gémeo, que, na verdade, nunca chegou propriamente a ser uma pessoa, o que confere a este exercício algum grau de estranheza.

As duas personagens, Hugo e Luís, estão intimamente ligadas, embora não o saibam. Ambos são músicos e descobrem que escreveram uma composição idêntica embora nunca se tenham encontrado. O romance é como um jogo de espelhos.

Licenciou-se em filosofia e estudou jornalismo e escrita criativa, em Londres e em Nova Iorque, respetivamente. Considera que a experiência de estudar no estrangeiro teve um grande impacto na sua formação?

Teve sem dúvida um imenso impacto em mim, mas não diria que teve impacto na minha formação académica. Fui um muito bom estudante até ao 12.º ano, na faculdade fui um estudante bom, mas quando cheguei a Londres já não me preocupei tanto com os estudos mas sim com a vivência da cidade. A carreira académica não era propriamente essencial para mim, nessa altura, e quando fui para Nova Iorque muito menos. Inscrevi-me num curso de escrita criativa mas faltei imenso às aulas. A minha experiência em Nova Iorque foi a de viver aquele lugar e de conhecer aquelas pessoas. Portanto, não sou o melhor exemplo de alguém que vai para fora formar-se academicamente. Saí porque não gostava de viver aqui. Eram os anos 90, os quais não foram exactamente os melhores tempos. Passava-se precisamente o contrário do que se passa agora. Não era a crise, mas sim uma certa afluência de dinheiro e o facto de todas as pessoas terem três carros e cinco telemóveis e sei lá mais o quê. Era um excesso de meios materiais que me incomodava. Não gostava do país em que vivia.

Quando passa numa livraria e vê um livro seu, que pensa? É um orgulho ver ali uma obra sua?

Não, um orgulho não, porque isso já me acontece há alguns anos. Portanto, às tantas torna-se banal. Quando vejo um livro, pergunto-me quem é que irá comprá-lo e é sempre um exercício curioso. Preocupa-me também saber se será vendido ou se acabará no fundo de uma prateleira.

Em 2009 ganhou o Prémio Literário José Saramago, importante reconhecimento para um autor português, com "As Três Vidas". Sentiu, a partir de então, uma responsabilidade acrescida de continuar a ser reconhecido e a provar o seu valor?

Não, ser reconhecido não. O reconhecimento é uma palavra que está relacionada com o sucesso, que é para outro tipo de pessoas. O sucesso é para os políticos e para o pessoal da televisão e não me interessa nada. A mim interessava-me, isso sim, fazer justiça ao prémio e continuar a melhorar. Tinha que corresponder às expectativas. Acontece que não o fiz. Eu tinha duas saídas. Uma seria escrever um quarto romance que fosse idêntico ao *As Três Vidas*. Por aí estaria mais ou menos defendido. Mas decidi seguir em frente e escrever *O Bom Inverno*, um livro completamente diferente, quase um romance policial com uma carga gótica, muito negra. Houve críticos que consideraram a decisão ótima e outros horrível, algo a que nos sujeitamos quando nos expomos desta forma. Eu sempre fiz exatamente o que pretendia, embora sinta o peso da responsabilidade, mas em relação aos meus leitores. Não estou nada preocupado com defraudar os júris de prémios. Não quero defraudar é os meus leitores.

Julga que é fácil ser escritor no nosso país?

Acho que é fácil publicar um livro, coisa que toda a gente faz hoje em dia, ou que aparentemente toda a gente quer fazer. Até o pessoal da televisão publica livros. Sim, é fácil publicar livros, não é fácil ser-se escritor. É muito difícil construir uma carreira sólida. É necessário talento, trabalho, acompanhamento. Faz-me, por isso, alguma confusão ir a livrarias e ver os escaparates com tudo à mistura. Vê-se desde Saramago ao Rodrigues dos Santos, da Fátima Lopes ao Paul Auster, gente dos blogues, cantores, apresentadores de televisão. É uma confusão. É como vender pastilha elástica e caviar no mesmo mostrador. Isto dificulta a vida aos escritores, pois estes têm de lutar contra sucessões de fenómenos de um punhado de meses. Não é fácil lutar contra os vampiros e as donas de casa.

A sua carreira corresponde a todas as suas expetativas?

Eu não tenho muitas expetativas. As coisas vão-me acontecendo. Às vezes tenho expetativas de conseguir escrever o próximo livro e que seja melhor que os outros ou que pelo menos seja uma continuação. E é isso. Eu não posso controlar o resto, não posso controlar se as pessoas vão comprar mais ou menos os meus livros, quantas edições vendo para o estrangeiro. Tudo isso depende de factores exteriores. Concentro-me simplesmente em escrever um livro melhor que o anterior.

Como quer ser recordado pelo povo português, daqui a cinquenta anos?

Essa é uma pergunta complicada. Não sei. Não sei se daqui a cinquenta anos vamos ter

memória para estas coisas. Daqui a cinquenta anos talvez ninguém se lembre de mim. Devo ser um escritor que passou pelo mundo e que chegou ao fim da carreira. Talvez esteja vivo. Gostava que se lembrassem de mim como um bom escritor, como alguém que fez qualquer coisa pela língua portuguesa.

Que livros lê?

Tudo. Leio os novos autores portugueses todos. Há uns de que não gosto. Leio alguns autores ingleses e americanos e leio imensa literatura espanhola, que julgo estar muito à frente da nossa, atualmente. Julgo que são mais contemporâneos. Espanha tem grandes escritores, como Javier Cercas ou Enrique Vila Matas. Dos portugueses posso citar Valter Hugo Mãe ou Gonçalo M. Tavares. Dos ingleses gosto de Ian McEwan, um brilhante escritor. Entre os americanos gosto muito de Philip Roth. Vou lendo um pouco de tudo, sobretudo autores contemporâneos. Li os clássicos quando era mais jovem, mas não tenho interesse nenhum em voltar atrás.

Qual foi o melhor elogio que alguma das suas obras já recebeu?

Não reajo muito bem a elogios. Prefiro que me apontem as falhas. Gosto de críticas que sejam concretas, pois demonstram atenção. É tão fácil, hoje em dia, andarmos a dar palmadas nas costas dos outros e a dizer que é tudo ótimo e giro. Interessa-me, isso sim, que as pessoas que me são próximas gostem dos livros. Se me quiserem fazer um elogio, faz-me uma crítica construtiva.

Carolina Madeira Fonseca, Catarina Soares e Joana Duarte 11º1A

Entrevista publicada na edição de março de 2013 da Gazeta Valsassina

João Miguel Tavares

João Miguel Tavares, apresenta-se como pai e jornalista. É colunista e cronista no Público e membro do programa "Governo Sombra".

No dia 13 de novembro estive no Colégio Valsassina para um encontro com os alunos de 5 anos para contar algumas histórias e para conversar sobre vários assuntos presentes no seu mais recente livro "O Pai mais horrível do Mundo". A Gazeta Valsassina aproveitou para conversar um pouco com este autor.



Inês C. 5 anos «Uma baleia no quarto». «Fiz o senhor a ler-nos a história»

No seu livro *O pai mais horrível do mundo*, podemos ler: "O meu papá é o pai mais horrível do mundo. Ele só sabe dizer "não". Proíbe-me de brincar. Obriga-me a trabalhar". Considera-se assim um Pai tão horrível?

Todos os pais se acham um pouco horríveis. Isto dava uma longa história!

No início, quando fui pai pela primeira vez, considerava-me um pai complicado. Há um olhar muito romântico sobre o que é ser Pai. Quando a Carolina nasceu, sobretudo nos primeiros meses, eu pensava que seria tudo mais difícil. Tinha sido enganado! Mas tudo evoluiu muito. Fui aprendendo aos poucos que o amor que sentimos por um filho é algo que também se constrói. E esta é uma imagem que, de certa forma, não é muito habitual. Há muito a ideia que se faz um "clique" e tudo se resolve. Parece que seria só chegar à maternidade e era como se o Cupido nos tivesse lançado uma seta, olhá-vamos pela primeira vez para o berço e, pronto.... Estou perdidamente apaixonado por este bebé que eu acabei de conhecer!

Afinal, no início não foi fácil. Com a entrada na fase da linguagem e quando começa a interagir é, para mim, tudo mais fácil. Brincar com os bebés nesta fase é muito interessante e percebemos que existe uma diversidade grande.

Por vezes, achamos que somos horríveis como pais, não temos paciência, não temos tempo. Há um tempo para nós que considero essencial. E quando temos vários filhos, gerir tudo isto torna-se mais difícil.

Sim, por vezes considero-me o Pai mais horrível do mundo, outras vezes não. Até sou mesmo o mais incrível.

Dizer "Não" aos filhos. Porquê?

Isso é algo essencial. Claro que cada pessoa olha para o mundo de forma diferente. Considero que as crianças precisam de regras claras, pois são essas regras que lhes dão segurança. De igual forma, os rituais também lhes dão segurança, por exemplo, agora chegou a hora de ir para a cama, e antes de ir para cama fazemos isto, e quando estamos a jantar fazemos isto. Sobretudo quando eles são muito pequenos, são estes rituais, essa circularidade do mundo, esta maneira de estar que lhes dá conhecimento. Sabem que as coisas funcionam de uma certa forma: de manhã, vais para a escola; depois, à tarde, os pais vão-te buscar, depois tomas banho e vais jantar, etc... Este lado ritmado do mundo dá-lhes segurança.

É por isso que uma criança que se porte mal junto dos pais, quando vai a um lugar onde encontra muitas pessoas e, por um momento que seja se sinta perdida (por exemplo, quando sente que não tem o pai ao lado), ela entra em pânico imediatamente. De certa forma, aquele mau comportamento é uma falsa segurança.... O que lhes dá essa segurança são os "Nãos"... e, por isso, são tão importantes no dia-a-dia.

Uma das preocupações de qualquer pai ou mãe diz respeito às (más) influências a que os filhos estão expostos. E ainda que, diariamente, deem o seu melhor no sentido de transmitirem os valores essenciais e a importância de algumas escolhas, quase todos reconhecem que há estímulos e ameaças a mais e que os sermões e palestras são manifestamente insuficientes. Na sua opinião, como se deve ensinar uma criança a dizer "Não".

Dizer "Não" é algo que fazem muitas vezes!...O difícil não é dizer "Não", é conseguir que façam o que não lhes apetece (embora isso não aconteça apenas nas crianças). Têm de aprender a fazer aquilo que tem de ser feito.

Para aprenderem o verdadeiro significado de dizerem “Não” a certas coisas é, mais uma vez, importante a disciplina, sobretudo aquela que vamos adquirindo nas fases mais jovens e por isso esse período formativo é tão importante no nosso crescimento. É nesta fase que ganhamos hábitos de trabalho, regras de estar, respeito.... E temos de aprender a fazer coisas que até não nos apetece!

Se fosse um monge budista, diria que um dos grandes segredos é conseguirmos tirar o máximo de prazer daquilo que não nos apetece fazer.

É frequente encontrarmos nos seus livros várias problemáticas da nossa sociedade. Tem necessidade, ou considera que há necessidade de abordar esses temas?

A questão da família é para mim muito importante. Por isso tenho um blogue, <http://paisdequatro.blogs.sapo.pt/> (também tenho outro blogue um pouco “mais sério”, ligado a assuntos políticos e culturais (<http://joaomigueltavares.blogs.sapo.pt/>)).

No meio em que me movimento, por exemplo, fui jornalista na área da cultura (no Diário de Notícias) e depois diretor da Time Out. Nesse meio, de um tipo de jornalismo que considero mais sério, existe uma espécie de proteção da vida privada, na medida em que falar disso “é de mau gosto”. A tradução disto é que a família quase que desaparece do espaço público.

É verdade que se comprarmos revistas “cor-de-rosa” encontramos ali uma abordagem às famílias, em que muitas pessoas se expõem com facilidade, falam dos divórcios e tudo mais. Mas isso é o mundo das revistas “cor-de-rosa”. Fora deste mundo, temos uma espécie de vazio. Há algumas Mães a falar

da família ou dos seus filhos. Mas eu, enquanto Pai, senti um enorme défice. Parece que os maridos e os Pais não têm voz.

Se fosse uma figura excêntrica da sociedade ou quisesse expor a minha vida, tinha voz, nas tais revistas “cor-de-rosa”. Mas sempre com uma abordagem muito superficial. Ou seja, entendo que não existia uma abordagem diferente, mais séria (não quer dizer que não possa usar o humor), mas em relação aos jornais mais sérios.

Comecei a falar de alguns temas ainda no Diário de Notícias, com uma crónica chamada “Vida Familiar”. Sentia de facto necessidade. Não encontrava nada, enquanto Pai, que traduzisse aquilo que estava a sentir. Parecia que as Mães tinham o discurso exclusivo da conversa sobre “fralda e putos ranhosos”, mas vivemos numa sociedade em que as coisas não são assim. No tempo do meu avô, ele chegava a casa, sentava-se para comer, a mulher estava em casa. O meu pai já vai lavando a louça. Na minha geração, um Pai, hoje em dia, faz tudo. Em comparação, o meu Pai dizia que não sabia mudar uma fralda (embora também na altura imagino que fosse mais complicado, com as fraldas de pano e alfinetes!).

Hoje em dia, os maridos e os Pais estão profundamente envolvidos na vida doméstica, embora considere que ainda há um certo desequilíbrio para o lado da Mãe. Então se há um envolvimento profundo dos Pais, como é que isto não tem uma voz, uma voz pública?!

Os Pais também sentem apoio ao ler os seus textos?

Sim, tenho tido algumas reações. No entanto, ainda continuam a ser as mães a ler a maior parte das crónicas e o blogue “Pais de Quatro”. Mas também já oiço da parte

de alguns pais “finalmente alguém que aparece e diz «de facto os bebés não têm assim tanta graça!»”, “tenho de «aguentar» um ano e meio, à espera que passe a fase das fraldas para começar a achar mais graça aos miúdos...”.

Este tipo de discurso, um pouco mais sincero, não é habitualmente usado. Por um lado, há o lado de Pai, o lado masculino. Por outro lado, considero importante dar projeção à família, acredito muito nela. Não tem a ver com uma dimensão religiosa, embora ela também possa existir (de certa forma existe até mais na minha mulher do que em mim), de olhar para o mundo de uma forma católica (“crescer e multiplicar”).

Considero que a família é de facto uma estrutura básica da sociedade e que merece ser olhada e merece ter um discurso sobre ela.

Escreve artigos de opinião em jornais (como o Público) e integra a equipa do programa da TSF Governo Sombra. O que lhe dá mais prazer fazer? Que reações tem de quem o lê e ouve?

Tenho feito várias coisas. Fui fundador da revista Time Out e fui até há pouco tempo o seu diretor. Trabalhei nesta revista durante cerca de 6 anos. Gosto muito de estar à frente de uma equipa, de gerir pessoas. Agora não faço isto.... Mas pensando no que mais gosto de fazer a resposta é clara: Escrever. Mas, na realidade, gosto de demasiadas coisas. Divirto-me muito a fazer o Governo Sombra, mas acho que tenho mais jeito para escrever do que para estar ali na televisão. Gosto acima de tudo de Escrever.

Gil Oliveira, Mafalda Gomes, Mariana Carrasco, Rita Pinto 10º1A

Entrevista publicada na edição de dezembro de 2013 da Gazeta Valsassina

Maria Teresa Maia Gonzalez

Maria Teresa Maia Gonzalez, licenciada em Línguas e Literaturas Modernas, co-autora da coleção "O Clube das Chaves", da qual já se publicaram 21 volumes, é autora de inúmeras outras obras, incluindo vários títulos premiados. "A Lua de Joana", o seu maior sucesso editorial, já conta com 16 edições e 220 000 exemplares vendidos. O seu livro, "O Pai no Tecto", tem sido igualmente bem recebido pelos jovens leitores e professores.

É uma das mais vendidas e prestigiadas autoras portuguesas de livros dedicados a crianças e jovens adolescentes.

Apresentamos nesta edição da Gazeta uma entrevista com esta escritora que, nos últimos anos, tem passado várias vezes pelo Colégio Valsassina em encontros com alunos e professores.

O que representa para si ser escritora?

Para mim, ser escritora é, antes de mais, pôr a render os dons que Deus me concedeu para esse efeito. Tenho procurado cumprir essa missão que abracei com muito entusiasmo, há vinte e cinco anos. Poder chegar a leitores que, de outro modo, jamais contactaria é um privilégio que vou tentando merecer em cada livro.

Qual foi o livro que mais a marcou como leitora?

Em cada idade, houve livros que me marcaram. Na adolescência, por exemplo, foram os livros da autoria de José Mauro de Vasconcelos, Saint-Exupéry, Júlio Verne, entre outros. Na idade adulta é, sem dúvida, o Evangelho de S. João, onde encontro a extraordinária e transformadora história do Amor de Deus por cada um de nós, escrita por quem conviveu de perto com o próprio Cristo – rosto divino do Homem, rosto humano de Deus! Toda a Bíblia tem episódios fascinantes com os quais cada um pode aprender a mudar a sua vida, dando-lhe um novo sentido.

Qual foi o livro que mais gostou de escrever?

Costumo dizer que o livro que mais gostei de escrever é aquele que estou a escrever no momento, porque a todos me dedico apaixonadamente e em cada um faço uma aprendizagem que me ajuda a crescer interiormente e a ter uma visão mais lúcida e abrangente de mim mesma e do mundo que me rodeia.

Já teve vários encontros com alunos do Valsassina. Qual tem sido a receptividade destes jovens sobre os seus livros?

Até agora, os meus contactos com os alunos do Colégio Valsassina (que foram vários), foram sempre estimulantes para mim. Encontrei, junto de professores e alunos, um clima propício à reflexão e ao diálogo. Saliento o excelente acolhimento que me tem sido feito por parte da senhora professora bibliotecária, Dra. Sofia Santos, dos professores mais diretamente envolvidos em cada uma das sessões para que fui convidada, e dos alunos participantes.



“Mais do que transmitir conhecimentos, o professor ensina a pensar antes de agir, para que o aluno possa vir a fazer as melhores escolhas em cada situação.”

Nas histórias que Maria Teresa Maia Gonzalez nos conta, aborda assuntos comuns e de interesse social. Através de uma linguagem objetiva e direta, partimos à descoberta e ao encontro de personagens fascinantes, com personalidades admiráveis.

Margarida Rodrigues 8º B

Maria Teresa Maia Gonzalez escreve histórias cativantes que nos fazem refletir sobre assuntos reais, como a toxicodependência e a morte. Nos seus livros, a autora aproxima-nos do verdadeiro mundo dos adolescentes.

Maria Figueiredo 8º A

Ao longo da sua vida já teve a possibilidade de dar aulas. O que é para si ser professor?

Para mim, ser professor é abraçar uma das profissões mais interessantes. Foi a profissão da minha mãe (na área da Matemática) e também a que escolhi e exerci durante quinze anos, só a deixando para me dedicar mais à escrita, que se tornou cada vez mais absorvente. Um professor assume sempre uma enorme responsabilidade, pois dar o exemplo não é a melhor forma de educar, é a única! O professor ajuda a descobrir as capacidades individuais e aponta caminhos para que elas sejam desenvolvidas. Tem um papel muito importante no processo da estruturação do pensamento e na aquisição e consolidação de valores (espirituais, éticos, culturais, estéticos) que nortearão a vida de cada aluno. Mais do que transmitir conhecimentos, o professor ensina a pensar antes de agir, para que o aluno possa vir a fazer as melhores escolhas em cada situação. Não creio que haja profissão mais relevante para a sociedade!

Quer deixar alguma mensagem aos seus leitores?

A mensagem que aqui deixo é a de que espero que toda a Comunidade Educativa do Colégio Valsassina tenha um ano letivo muito positivo ao nível dos resultados e, sobretudo, ao nível do crescimento individual e do fortalecimento dos laços entre todos. Creio que o Colégio Valsassina (onde já estudaram a minha sogra, o meu marido e três dos meus irmãos) continuará a lutar por um ensino de excelência, e é reconfortante sabê-lo!

Para todos, o meu abraço amigo!

Turmas 8ºA e 8ºB

Entrevista publicada na edição de dezembro de 2013 da Gazeta Valsassina

Maria Teresa Maia Gonzalez destaca-se definitivamente de outros autores. Os seus livros pretendem levar os leitores a refletir, a imaginar. As ideias não estão explícitas nas palavras, temos de as descobrir.

Mariana Martins, 8º B

Com A Lua de Joana, Maria Teresa Maia Gonzalez leva-nos a viajar num mundo de palavras que abordam assuntos atuais e comuns à vida de um adolescente.

A linguagem clara e o vocabulário acessível incentivam à leitura.

Rita Marques, 8º B

Maria João Lopo de Carvalho

Maria João Lopo de Carvalho nasceu em Lisboa, em 1962. Licenciou-se em Línguas e Literaturas Modernas, pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Foi professora dos ensinos Básico e Secundário, fundou a Know How, empresa dedicada à edição de livros e ao ensino de inglês para crianças, foi copywriter na agência de publicidade McCann Erickson, assessora no Gabinete de Vereação da Educação e Ação Social do Município de Lisboa e responsável pelos programas de solidariedade da Swatch, entre 2004 e 2005.

Colaborou com publicações como as revistas Pais & Filhos, Xis, GQ e Vidas e com os jornais Expresso e Diário de Notícias. Publicou diversos livros de literatura infanto-juvenil, como *O herói sou eu* (2007), *Que bicho te mordeu* (2007) e *A minha mãe é a melhor do Mundo* (2007). No âmbito da literatura destinada a um público mais adulto, publicou *Virada do avesso* (2000), *Acidentes de percurso* (2001) e *Adopta-me* (2001). Estreou-se no romance histórico em 2011, com o best-seller *Marquesa de Alorna*. Em 2013 publicou *Padeira de Aljubarrota*.

Porque escolheu ser escritora? Foi algo que sempre ambicionou?

Eu não escolhi ser escritora. Na verdade, queria ser médica. No fundo, um conjunto de circunstâncias, como ter um pai escritor, sofrer a influência dos amigos dos meus pais que também eram escritores, gostar de escrever, ter cursado letras, ter decidido não ir para medicina, levaram a que escrevesse o meu primeiro livro. Escrevi-o de algum modo porque tinha pouco serviço no sítio em que trabalhava, na McCann-Erickson, na área de publicidade, como copywriter. Escrevi o livro na altura em que a Margarida Rebelo Pinto publicou o romance *Sei lá*. O livro que publiquei intitulava-se *Virada do avesso* e tinha o mesmo editor, o qual lhe achou graça por ser do mesmo género do da Margarida e vendeu 70 mil exemplares. As pessoas gostaram e quando isso acontece começa a haver uma pressão por parte dos editores para que se publique um livro todos os anos e fiz muitos de literatura infantil e juvenil e só recentemente voltei a escrever um romance histórico.

Qual a sua perspetiva face ao panorama nacional e internacional da literatura na atualidade?

Em Portugal editam-se 30 novos livros por semana, o que é muito se considerarmos que há poucas pessoas a ler, ao contrário do que se pensa. Portanto, é preciso fazer sempre mais para conduzir as pessoas à leitura, é necessário fazer um grande esforço. Publica-se mais livros do que aqueles que o mercado consegue consumir, pelo que acabam por ter um prazo de validade muito curto.

Aqueles que encontramos nos tops de vendas não são necessariamente os melhores livros. Encontramos Nicholas Sparks, encontramos obras como *Rezar, Orar, Amar*, encontramos muitos livros que não têm qualidade. Tiragens e talento não são sinónimos. Um livro do qual se façam 30 mil exemplares não é necessariamente um bom livro. As pessoas procuram livros que alimentem a sua autoestima e não propriamente livros de qualidade, essa não é a prioridade.

Há muitos livros com muita qualidade, aqueles que serão os próximos clássicos e que se publicam hoje, mas que vendem muito pouco, pelo menos até serem reconhecidos com prémios. Assim, é difícil lançar livros hoje em dia porque ou se conta com o suporte de uma grande campanha de marketing, ou se tem uma grande vontade de percorrer o país todo, de andar pelas livrarias, sítios de vendas e bibliotecas municipais, ou o livro não vende. Se o Paulo Futre lança um livro e vende 100 mil exemplares, nós lançamos um romance histórico para o qual estivemos a estudar durante um ano e podemos vender menos, o que não acontece, no meu caso, porque trabalho bastante para evitá-lo. Mas o risco de que tal acontecesse era grande.

Quais os livros que a marcaram? Que escritores tem como referência na sua infância?

Sem dúvida, Jorge Amado, que era amigo do meu pai. Adorei *Os Capitães da Areia*. Mais tarde, Rita Ferro e Luísa Beltrão. Hoje em dia, todos os escritores são amigos uns dos outros, todos se conhecem, todos se encontram, acaba por ser um meio muito pequeno, é muito difícil dizer uns e não dizer outros. Eu leio todas as obras de escritores conceituados que se publicam atualmente e por isso é difícil dizer se gosto mais de uns ou de outros. Há livros de todos os géneros.

Adoro ler romances históricos, por exemplo. Dentro do gênero, há, é claro, o Miguel Sousa Tavares com o *Equador*. Toda a gente adorou aquele livro e eu não fui exceção. Adoraria escrever assim. Outro romance histórico atual que me marcou foi *O tempo entre costuras*, da espanhola María Dueñas. Na verdade, sou muito eclética, leio tudo, exceto talvez policiais, gênero de que não gosto muito.

O episódio da *Padeira de Aljubarrota* é contado na nossa infância e é considerado uma lenda. Porque escolheu fazer deste episódio a base temática do seu novo romance?

Porque é a metáfora da força e da valentia do povo português, povo esse que supera todos os momentos de crise, como este que vivemos agora e que sentimos todos na pele. Julgo que este livro pode encher de esperança as mulheres, e não só, pode encher de esperança os leitores, por lhes mostrar que somos um povo maravilhoso, com uma força extraordinária.

Tendo em conta que os jovens lêem cada vez menos, o que acha que podem os escritores fazer para contrariar essa tendência?

Para já, fazer o que tem sido feito com o Plano Nacional de Leitura, ir a escolas e falar com os alunos. Depois, cabe a nós, autores de literatura infanto-juvenil, fazer livros que vão de encontro às necessidades de uma criança ou de um jovem, estimulando neles o prazer da leitura. É importante, portanto, encontrar temas que se relacionem com as suas preocupações e que não sejam uma maçada. Não podemos esquecer que estamos a competir com o mercado da imagem. Tudo é mais fácil, as playstations, os computadores, os ipads, as músicas, tudo é mais divertido

e requer menos concentração, como o próprio cinema, as novelas, os desenhos animados. Para levar um jovem a ler é preciso diverti-lo, despertar a sua atenção, empregando um estilo que o cativa. Portanto, por um lado, é da responsabilidade dos escritores ir ao encontro daquilo que os jovens desejam. Por outro lado, há outros agentes, tais como os professores, os pais e os próprios jovens. Todos têm de fazer um esforço no sentido de entender a leitura como um divertimento e não como um aborrecimento.

A Maria João Lopo de Carvalho envolve-se em várias campanhas de solidariedade, como as da Swacht. Essa sua envolvência reflete-se de algum modo no seu trabalho, na sua forma de pensar, nos temas que os seus livros abordam?

Todos temos de ser solidários, na medida do possível, em qualquer idade, nem que seja a ajudar o vizinho do lado. Escrevi já vários livros cujas vendas reverteram a favor de instituições de solidariedade social e de determinadas causas. Não me vejo de outra maneira. Tenho a sorte de poder viver do que escrevo.

Também sei que a sorte vem depois do trabalho. Só no dicionário é que o S vem depois do T. No resto, na vida, é ao contrário, só se tem sorte com trabalho.

Com sorte ou sem sorte, o Cristiano Ronaldo só conquista o que conquista à custa de muito trabalho. Não é por acaso, não é só talento, é o esforço. Tudo requer esforço. Eu sou uma sortuda que com o seu esforço conseguiu alcançar os objetivos a que se propôs. Tendo isso por adquirido, tenho de pensar nas pessoas que não tiveram a sorte que eu tenho e estão em dificuldades, sobretudo as famílias que não se queixam, que têm um

salário miserável ao fim do mês e com o qual têm de chegar a todo o lado. Tudo o que nos for possível fazer para ajudar essas pessoas devemos pô-lo em prática. Na formação cívica de qualquer pessoa, é fundamental olhar para o lado, por pouco tempo que seja.

Alexandra Pereira 12º 1B Carolina Fonseca 12º 1A Joana Duarte 12º 1A
Entrevista publicada na edição de abril de 2014 da Gazeta Valsassina



“Cabe a nós, autores de literatura infanto-juvenil, fazer livros que vão de encontro às necessidades de uma criança ou de um jovem, estimulando neles o prazer da leitura.”

António Mateus

António Mateus é licenciado pela UTL e jornalista profissional desde 1983.

Chefiou delegações da agência Lusa em Maputo (de 1986 a 1990) e Joanesburgo e acompanhou no terreno, durante 16 anos, os esforços de paz para Angola e Moçambique, a transformação política de toda a África Austral e a refundação da OUA em União Africana. Após a libertação de Nelson Mandela, em 1990, foi destacado para a África do Sul, onde permaneceu doze anos. Entrevistou inúmeras personalidades mundiais, como Nelson Mandela, Desmond Tutu, Chester Croker, Joaquim Chissano ou Frederik de Klerk. Foi o diretor-fundador da revista Focus, editor de Política Internacional da RTP, sendo atualmente coordenador de informação diária da RTP. Foi o primeiro conselheiro de informação da CPLP. É autor de vários livros: **Homens Vestidos de Peles Diferentes**, **Selva Urbana** e **Mandela - A Construção de um Homem**, e coautor de três outros livros coletivos.

No dia 18 de fevereiro estive no Colégio Valsassina para apresentar, aos alunos do 8º e 10º ano, o seu mais recente livro *Mandela - O Rebelde Exemplar*.

No livro *Mandela - O Rebelde Exemplar*, escreveu de uma forma em que os leitores, sendo “jovens adultos ou adolescentes rebeldes”, se possam rever em Nelson Mandela. De que forma jovens como nós se podem rever em Mandela?

Podem-se rever de todas as formas, desde a maneira como ele foi enquanto jovem, e essa foi a maior preocupação que eu tive, para perceberem que não faz mal nós cometermos erros enquanto jovens, não faz mal estarmos longe daquilo que admiramos nos outros ou em algumas pessoas, porque ele próprio, que é uma referência mundial hoje em dia, era extremamente imperfeito, era uma pessoa muito diferente daquela que se tornou. Ele escolheu construir-se a si mesmo como ser humano. Imaginem que ele tinha nascido um santo, que ele já tinha nascido assim perfeito, nós olhávamos para ele e dizíamos: “mas eu não nasci um santo, eu nunca vou ser como ele”. Agora, se ele nasceu muito pior do que nós somos, nós também conseguimos chegar ao mesmo sítio que ele chegou, desde que escolhamos isso, queiramos mesmo e aprendamos com os nossos erros e olhemos, como ele fez, para os saberes de outras pessoas e digamos “este homem tem razão”. Por exemplo, o Gandhi dizia uma coisa extraordinária que era “sê a mudança que queres ver no mundo”. A mudança no mundo deve começar por ti. Em vez de estares à espera que as outras pessoas mudem e penses: “Eu não vou mudar nada. Que adianta eu ser um tipo fixe se os outros todos à minha volta são sacanas? Não, esse é um pensamento errado.

Se a mudança começar por mim, eu vou é preocupar-me em ser um ser humano bom, eu! Vou ser boa amiga da minha amiga, boa filha... Posso até fazer traquinices, não faz mal! Nós aprendemos com isso! E é isso que o livro traz. É a noção de que não faz mal errar, o que será pior para nós é se não dissermos a nós próprios: “Cometi um erro, vou aprender e vou tentar ser melhor”. Esse é o caminho.

Vinte e quatro anos após o início dessa experiência, o que o marcou mais como pessoa e como profissional?

O valor da humildade e que as pessoas verdadeiramente grandes são mesmo humildes e não olham os outros de cima. As pessoas que normalmente querem rebaixar os outros, ainda têm muito a crescer. Sempre que, hoje em dia, vejo uma pessoa que tem muitas certezas das suas opiniões, respeito-a muito pouco, enquanto que uma pessoa que se cala a ouvir os outros, eu quero sempre ouvi-la, porque quem já tem a sabedoria de ouvir os outros, eu tenho, certamente, muito a aprender com ela.

Como caracteriza o papel de Nelson Mandela na África do Sul e no resto do Mundo?

É um papel iluminador, porque nos dá uma pista para onde seguir. Cada vez mais temos uma crise de liderança, de referência de líderes políticos e pessoas que olhemos para elas e pensemos: “Eu vou querer ser como este ser. Este homem está mesmo preocupado com o futuro da minha geração, com o futuro do planeta. Eu sou um jovem e não olha para mim como um jovem, olha para mim de igual, olha para mim como um ser humano. Ele é mais velho do que eu mas respeita-me. Percebe que eu já sou um ser humano sólido e posso ser amigo dele, não olha para mim como se eu fosse menor só porque tenho menos anos. Não, ele vem ter comigo e leva-me. Isso é importante para mim.

Eu tento ser assim como pai. Eu sou pai mas gosto muito de ser amigos dos meus filhos e gosto que eles me digam “Papá, eu gostava muito de fazer isto. Deixas-me ir?” e eu deixo. Eu confio muito nos meus filhos, dou-lhes poder. Digo-lhes: “Querido, vida é uma escolha”. Eu digo-lhes as implicações daquilo que eles escolhem. Depois eles escolhem, muitas vezes batem na parede e voltam para mim, porque eu os deixei que fossem eles a fazer a escolha. Se eu fechar as escolhas aos meus filhos, primeiro, eles não experimentam e depois, nunca têm a possibilidade de escolher por eles, e isto é muito importante para nós na vida.

Em 1990 foi destacado para África de Sul por ocasião da libertação de Mandela. Como via África do Sul na altura?

Eu já conhecia bem o país.

E como é que imaginava Mandela?

Não imaginava...

Porque já o conhecia?

Não. Ninguém conhecia Mandela, porque há vinte e sete anos que não era publicada uma fotografia ou um dizer do Mandela a não ser um discurso muito curtinho que ele fez em 1985 da prisão. Ninguém sabia minimamente como era o Mandela. E o Mandela que saiu da prisão é muito melhor do que aquele que foi para a prisão. De repente o mundo inteiro ficou assim: “Então afinal este homem não vai dar cabo dos brancos e vingar-se?”. O Mandela é um homem extraordinário.

Então Mandela reconheceu que não estava a agir corretamente antes de ter ido para a prisão?

Exatamente. Ele meteu a mão na consciência e disse, “eu pelo

caminho que ia só ia perpetuar o caminho da maldade e da vingança. E o meu sonho não é esse, o meu sonho é que os meus netos e os teus netos possam ser amigos, viver juntos num país de arco-íris”. Era assim que ele dizia, o arco-íris representava a conjugação das raças como se fossem os diferentes graus do arco-íris.

Então pode sempre dizer-se que ele não se arrependeu de ter ido para a prisão?

A maior mágoa que o Mandela guardou no coração até morrer foi não ter podido ser um pai como deve de ser. Na prisão eles só podiam ver crianças com mais de dezasseis anos e as duas filhas dele, uma tinha 2 e a outra tinha 3 quando ele foi preso. Portanto, ele teve treze anos sem ver as filhas.

Ele quando saiu da prisão, adorava crianças, mas genuinamente adorava crianças. Vocês se andassem ao pé dele, ele vinha ter convosco para vos fazer festinhas, ele era assim genuinamente.

Ele sentia que a bondade e o amor e a potencialidade do mundo ser melhor está todo integralmente em vós. E portanto, os adultos estão no caminho completamente errado quando tentam esmagar-vos. Vocês têm que ser estimulados a crescer, e serem livres, numa forma estimulada, segura e dando vos a escolher. Mas nós adultos cometemos tantos erros, tantos erros, tantos erros, no processo de sermos pais, o primeiro é logo o reconhecermos que não cometemos erros.

O meu pai nunca me disse que gostava de mim, nem uma única vez. Eu todos os dias digo aos meus filhos que os adoro, todos os dias. Percebes? Tu sentes a falta disso.

Nós sentimos todos a falta de amor. Nós os latinos não somos isso. Nós somos muito permeáveis

a quem nos dê carinho, a quem nos respeite, a quem vem ter connosco quando estamos tristes. É tão bom ter esta atitude na vida, é tão bom, porque isto volta tudo para nós. Quando vocês depois adormecem à noite, pensam “Estou tão feliz!” Tu olhas-te ao espelho e sentes-te feliz! Sentes-te um ser humano bonito. Isso é o maior tesouro que a vida nos pode dar. Esta capacidade de dizer “O caminho é este!”

Quando o Mandela morreu e foi sepultado, quando o caixão dele desceu à terra eu não consegui falar mais. Foi quando eu senti “olha, foi aquela pessoa, aquela”. É como vocês terem o amor da vossa vida.

Qual é, na sua opinião, a lição mais importante que podemos tirar da vida e obra de Mandela?

A noção de que nós não somos ilhas de solidão e que o caminho mais fácil para sermos felizes é cuidar da felicidade dos outros.

Frederica Valsassina, Inês Sequeira, Maria Carolina Gonçalves, Maria João Sancho, Marta Martins 10º2

Entrevista publicada na edição de abril de 2014 da Gazeta Valsassina



David Machado



David Machado nasceu em Lisboa em 1978. É autor do romance *Índice Médio de Felicidade*, *O Fabuloso Teatro do Gigante* e do livro de contos *Histórias Possíveis*. Em 2005, o seu conto infantil *A Noite dos Animais Inventados* recebeu o Prémio Branquinho da Fonseca, da Fundação Calouste Gulbenkian e do jornal Expresso, e desde então publicou mais três contos para crianças, *Os Quatro Comandantes da Cama Voadora*, *Um Homem Verde num Buraco Muito Fundo* e *O Tubarão na Banheira*, distinguido com o Prémio Autor SPA/RTP 2010 de Melhor Livro Infanto-Juvenil.

Recentemente estive no Colégio Valsassina para um encontro com os alunos do 10º ano, para apresentar o seu mais recente livro “Índice médio de felicidade”. Procurámos conhecer um pouco mais sobre este escritor.

O que é para si ser escritor?

Para mim, ser escritor é, sobretudo, ter oportunidade para pensar, para refletir sobre mim próprio, sobre o mundo, sobre a vida, e poder fazê-lo através de um meio do qual eu gosto muito, que são as histórias. Eu escrevo sobretudo histórias, narrativas.

Portanto, eu faço essa reflexão, analiso o que vejo e depois tento transformar isso numa narrativa, que é uma coisa que me dá imenso prazer.

Qual o livro (ou livros) que mais o marcou como leitor e como escritor?

É mesmo difícil dizer, porque há muitos. Há livros que eu acho que foram mais determinantes, sobretudo numa época mais recente, nos anos imediatamente anteriores a eu começar a escrever mais a sério. Há dois livros: um do Gabriel García Márquez, *O Amor Em Tempos de Cólera*, que é uma história de amor muito rica em termos de ambiente, personagens, situações, e que é passada num universo um pouco mágico da América do Sul, que é uma coisa que me atrai muito. E depois há outro livro, de um autor pouco traduzido em Portugal (e este não está traduzido), Mário Benedetti. Este livro fez-me abrir os olhos para as infinitas maneiras que nós temos de contar uma história.

Relacionado com uma situação do livro em que aparece a expressão “vamos todos parar ao buraco”, o que é que a nossa geração pode fazer de diferente? Na sua opinião, por onde é que passa o futuro do nosso país e da nossa geração?

Para sairmos desta situação de aperto em que estamos, eu acho que nós, enquanto povo, enquanto cidadãos, devíamos ser mais interventivos, devíamos ter mais grupos de intervenção cívica, devíamos estar mais organizados, devíamos apresentar mais soluções, também, porque não podemos estar à espera que nos façam as coisas, e isto até já começa a acontecer.

Em relação à vossa geração, para mim, o principal perigo é a internet que rouba espaço de pensamento às pessoas, ou seja, tudo é demasiado fácil. E ficamos sem espaço para coisas que, de facto, nos fazem pensar, que nos podem tornar melhores seres humanos e, ao mesmo tempo, ficamos viciados nessa rotina de irmos à internet, de andarmos a saltar de páginas e só ficarmos três minutos em cada sítio.

Faz-nos falta ler artigos de jornal grandes com 6 ou 8 páginas, que já não há. Mas a internet tem muita coisa boa! O problema é que as coisas não estão filtradas. Há de tudo e ninguém nos diz o que é mais interessante. Então, eu espero que haja uma maior preocupação com a qualidade, não com a quantidade.



“... ter oportunidade para pensar, para refletir sobre mim próprio, sobre o mundo, sobre a vida...”

Normalmente direciona a sua escrita para um público mais jovem, o que é que o fez mudar o rumo e escrever estes romances?

Sou muito mais conhecido pelos livros para crianças, porque são mais vendidos que os outros, mas a verdade é que comecei a escrever livros para um público mais infantil muito depois de ter começado a escrever romances. Salto bem entre estes dois géneros porque, para mim, interessa contar uma história. Quando estou a escrever um romance, penso num conjunto de temas e numa série de assuntos e na minha relação com os mesmos; quando estou a escrever para crianças, quero sobretudo pensar sobre mim próprio quando era criança, o que faz com que me conheça melhor hoje. Tento ver o mundo pelos olhos da criança que já fui.

Nos livros mais recentes, reparámos que o estilo de escrita é mais livre, desprendido por conceitos, não obedece a tantas convenções. Acha que é uma marca dos escritores da nova geração?

O livro tem de ser verdadeiro e não real, isto é, o meu objetivo não é que o leitor leia o livro e pense que a realidade é desta maneira, quero que o leitor leia o livro e acredite na história. Quero convencer o leitor de que esta história é verdadeira, que o homem é verdadeiro, e eu acredito na história, acredito na existência deste homem.

Por isso, as asneiras que eu escrevo nos livros surgem com um tom zangado, dificilmente eu podia não as ter escrito, a personagem perdia credibilidade, isto não quer dizer que agora eu vá sempre escrever com asneiras, que seja o meu estilo, mas nesta personagem tinha de acontecer.

O livro mencionava que Portugal tinha um índice de felicidade no valor de 5.7, um valor semelhante ao de um país africano muito pouco desenvolvido.

Pois, quando olhamos para essa estatística, percebemos que o desenvolvimento é sobrevalorizado.

Sim, tanto que nesses países subdesenvolvidos, em particular o mencionado, que acredito ser o Djibouti, existem sérios problemas como fome.

Qualquer dos países mencionados, entre eles a Roménia, Nigéria e outros, não são propriamente desenvolvidos. Mas eles relativizam as coisas, os problemas deles são diferentes dos nossos. Para nós, um problema seria deixar de ir duas vezes por semana comer fora, para nós, portugueses, isso é pior do que para alguém que viva num daqueles países ter que andar oito quilómetros para arranjar pão. Só que essas pessoas não conhecem outra realidade, não ambicionam muito mais que sobreviver. Nós ficamos desiludidos porque queremos mais e não conseguimos.

**Carolina Gonçalves 10º1B, Inês Santos 10º1B, César Sousa 10º1B
Diogo Azenha 10º2, Maria Carolina Gonçalves 10º2**

Entrevista publicada na edição de junho de 2014 da Gazeta Valsassina

Richard Zimler



Richard Zimler nasceu em 1956. Fez um bacharelato em religião comparada na Duke University (1977) e um mestrado em jornalismo na Stanford University (1982).

Trabalhou como jornalista e professor de jornalismo, na Escola Superior de Jornalismo e na Universidade do Porto. Nos últimos 19 anos, publicou 10 romances, uma coletânea de contos e dois livros infantis, que depressa entraram nas listas de bestsellers de vários países (Portugal, Brasil, EUA, Inglaterra, Itália, etc...). Zimler já ganhou diversos prémios, incluindo o National Endowment of the Arts Fellowship in Fiction (EUA) em 1994 e o Prémio Herodotus (EUA) para o melhor romance histórico em 1998. O prémio literário Alberto Benveniste 2009 foi atribuído a Zimler pela obra *Goa* ou *o Guardião da Aurora*. O seu romance, *Os Anagramas de Varsóvia*, foi nomeado o Melhor Livro de 2009 pela revista LER e também pelos alunos das escolas secundárias de Portugal (Prémio Marquês de Ouro).

No dia 27 de março de 2014, o escritor autor das obras *O Último Cabalista de Lisboa* e *A Sentinela*, visitou o Colégio para falar um pouco sobre si, a sua profissão e o seu percurso, numa sessão que contou com a participação dos alunos do 9º ano.

De onde vem o seu interesse pela escrita?

Boa pergunta. Eu não sei. Sempre tive interesse pela escrita, sempre gostei de ler. Mas eu gostava de muita coisa: gostava de arte, de desporto, de matemática... Portanto, a parte mais difícil para mim era escolher entre as coisas de que gostava. E finalmente resolvi tentar a escrita. Resultou bem, penso eu, e continuei.

Houve algum autor ou algum livro que o tenha inspirado ou que o tenha marcado?

Sim, muitos livros. Mas eu diria que há um romance de um grande escritor americano, vencedor de um Nobel, que se chama William Faulkner, cujo título é *Luz em Agosto*, que me fascinou, porque nele o autor consegue manter a atenção do leitor sem truques óbvios. E fiz uma análise, eu próprio, da estrutura do romance, para compreender melhor como é que ele conseguiu manter a minha atenção. Por isso, esse livro foi muito importante para mim, que era um escritor principiante.

Quando quer escrever um novo livro, escreve mais para o leitor ou para se exprimir?

As duas coisas. É para me exprimir, porque há coisas que eu quero compreender sobre mim próprio. Há muitos mistérios no mundo e eu quero pensar sobre eles.

Quero explorar as minhas próprias emoções, as minhas próprias experiências insólitas. Ao mesmo tempo, quero comunicar com o leitor. Existe uma ligação, pois de alguma forma quando escrevo estou a presumir que outra pessoa tem as mesmas perguntas e dúvidas que eu. Então, existe uma permuta de confiança, eu tenho de confiar no leitor, é isso.

Alguma vez pensou que haveria alguns aspetos do livro que nem todos os leitores compreenderiam?

Sim, sim. Sempre. Eu vou dizer uma coisa que é capaz de chocar. Eu não escrevo para todos os leitores. Eu não quero todos os leitores. Eu escrevo para pessoas sensíveis e inteligentes. Não estou interessado em pessoas estúpidas. Eu escrevo para pessoas que vão entender os problemas, os traumas, as alegrias das minhas personagens. Algumas pessoas não compreenderão, nem têm culpa, nem têm de compreender. Mas eu não vou diminuir a qualidade da minha escrita para conseguir milhões de pessoas. Não me interessa.

Sente que é um desafio escrever romances históricos?

É, é um desafio especial porque nem sempre é fácil recriar a Lisboa de 1506, ou a Goa do século XVII. É algo que envolve muita pesquisa, mas eu gosto muito disso, porque eu adoro História, adoro tornar a História real. É uma questão de curiosidade.

Eu quero saber como é que os romanos viviam em Portugal há dois mil anos, por exemplo. Acho que é uma curiosidade natural. E quando pesquiso e consigo os pormenores, fico muito satisfeito. Nem sempre obtenho as respostas, mas fico sempre fascinado.

Já alguma vez escreveu alguma obra que não tenha chegado a acabar ou que não tenha sido publicada?

Sim, todos nós, escritores, o fizemos. Os primeiros esforços, os primeiros resultados, nem sempre são ótimos, por isso, meto aquilo numa gaveta e esqueço. Porque "eu não vou publicar uma obra que não considere ser de muita qualidade.

Qual foi o livro, de entre os que publicou, cuja escrita foi mais desafiante?

Provavelmente dois, porque eram muito ambiciosos: *Meia Noite Ou O Princípio do Mundo*, cuja ação decorre no Porto e nos Estados Unidos no século dezanove, e *A Sétima Porta*, em Berlim, nos anos trinta. Dois projetos muito ambiciosos que envolvem muitas personagens diferentes. Histórias complexas. E quanto mais complexa a história, maior o desafio.

Houve algum livro que tenha tido de escrever para o qual não tenha encontrado toda a informação necessária?

Provavelmente sim. *O Último Cabalista de Lisboa* foi escrito antes da Internet, e conseguir livros não era fácil. Não me lembro, francamente, mas deve ter havido lapsos, lacunas. Por exemplo, eu queria saber qual era a culinária portuguesa do princípio do século dezasseis, o que é que as pessoas comiam.

Não consegui um livro de culinária portuguesa desse período. Consegui um livro espanhol. Por isso presumi que a culinária espanhola da época não seria muito diferente da culinária portuguesa. Mas não tenho provas disso. Não consegui, se calhar não há. As pessoas não escreviam livros de culinária no século dezasseis. Não havia Jamie Oliver e essa gente toda.

Já sentiu que traduções só compreendiam o sentido literal de uma frase e não o que queria também dizer?

Já tive problemas com traduções. Isto é, quando faço uma revisão noto pequenos erros de nuances subtis em cinquenta frases diferentes. Então, reúno-me com o tradutor e conversamos e resolvemos todos os problemas. Às vezes o verbo pode ser demasiado forte ou demasiado fraco. O adjetivo demasiado dramático ou não suficientemente dramático. Há muitas maneiras de dizer a mesma coisa. Qual é a expressão perfeita para a tradução? É difícil.

Há algum tema sobre o qual mais goste de ler?

Com certeza que sim. Há muita coisa que eu não gosto de ler. Não vou ler nada sobre automóveis, por exemplo, não me interessa absolutamente nada. Eu gosto de ler História, gosto de ler Psicologia, eu gosto de quase tudo, desde que esteja bem escrito.

O que acharia se lesse os seus próprios livros como leitor e não como escritor?

É quase impossível responder a essa questão, porque teria de esquecer toda a minha identidade, mas posso dizer que, às vezes, quando leio um excerto de um livro meu fico extremamente satisfeito, penso “Uau, isto é melhor do que eu pensei!” Por outro lado,

de vez em quando leio alguma coisa e penso “Hum... Acho que devia ter reescrito esta frase.” Acontecem os dois. Felizmente acontece mais eu ficar satisfeito.

Se tivesse tido uma vida completamente diferente, os seus livros teriam sido diferentes? Ou poderia até não ser escritor?

Às vezes pergunto-me que escritor seria se tivesse permanecido nos Estados Unidos. E acho que sim. Se eu não tivesse vivido em Portugal, não poderia ter escrito *A Sentinela*, ou *O Último Cabalista de Lisboa*, ou *Meia Noite Ou O Princípio Do Mundo*. Teria escrito outra coisa. O que é interessante, porque quer dizer que a nossa identidade não é fixa, a identidade depende de muita coisa. Depende de tanta coisa que todos nós somos um produto de centenas de influências diferentes.

Se pudesse ter uma conversa com qualquer pessoa que quisesse: real, fictícia, viva, morta... Quem seria?

Ah, o Sherlock Holmes seria interessante! Os Beatles também tiveram uma influência muito grande sobre mim. Gostaria muito de falar com John Lennon ou com Paul McCartney. Com figuras históricas como Bach, o grande compositor alemão. E adorava conhecer alguns gregos antigos, não pessoas famosas, mas só para saber como é que eles viviam.

Se pudesse definir os portugueses numa frase...

Ui! Não poderia... Numa frase, é impossível. Porque eu, que estou aqui há vinte e quatro anos, conheço portugueses de todos os tipos. É impossível resumir, a única coisa que eu diria é que Portugal é a minha casa.

Tem alguma palavra portuguesa preferida?

Lusco-fusco. É uma palavra bonita... E estranha...

Cláudia Calado 9ªA, Joana Grilo 9ªB, Rita Miranda 9ªC e Sofia Martins 9ªD

Entrevista publicada na edição de junho de 2014 da Gazeta Valsassina

“Há muitos mistérios no mundo e eu quero pensar sobre eles.”

João Rebocho Pais



João Rebocho Pais, autor das obras *O Intrínseco de Manolo* e *Dizem que Sebastião*, visitou o Colégio para falar um pouco sobre si, a sua profissão e o seu percurso, numa sessão que contou com a participação dos alunos do Ensino Secundário do Colégio Valsassina. No final deste encontro, houve uma pequena sessão de autógrafos, seguida de uma conversa entre o autor e as alunas Beatriz Gaspar, Joana Silva e Rita Miranda, do 10º1A, da qual, por uma questão de espaço, se reproduz aqui apenas uma parte.

Um livro pode fazer da realidade tudo o que quiser. O que procura alterar desta quando escreve? Procura corrigir situações que viveu, criar um mundo ou personagens ideais? Qual é, no fundo, o seu objetivo?

Procuro transmitir a realidade tal como dela me apercebo, apontando aquilo que é efetivamente algo de positivo e não descurando em momento algum tudo aquilo que vamos vendo de errado. Não pretendo mudar o mundo, mas se conseguir levar um meu leitor a pensar em certo tipo de realidades que podemos modificar dentro de nós, na nossa vida, já ganhei. Basta que uma só pessoa se deixe conduzir pelo livro, vá em busca de si mesma e se modifique de acordo com o que considerar melhor para si. Escrever já terá valido a pena.

Quando escreve tem em mente a mensagem metafórica que pretende passar ou concentra-se mais na literal e deixa a leitura metafórica ao critério do leitor?

É curioso, eu gosto muito de escrever utilizando metáforas, sejam elas diretas (atendendo ao significado literal de uma palavra, empregar uma metáfora para substituí-la), ou tenham um sentido mais amplo (a própria ação descrita ser uma metáfora em si mesmo). Muitas vezes, procuro, com essas metáforas, levar as pessoas para o campo do nonsense, do quase surreal, e que acaba por ser a realidade da sua própria vida.

Alguma das suas obras é uma metáfora no sentido mais amplo?

É uma boa pergunta. Não querendo parecer pretensioso, gosto de considerar que ambas o são. O que se passa num relato fidedigno sobre algo que aconteceu origina todo um mundo de possibilidades que nos pode fazer pensar que o caminho, que cada gesto, que cada decisão nossa, nos levam àquilo que decidimos fazer, pelo que creio que de certo modo, e nessa perspectiva, ambos os livros acabam por ser metáforas.

Alguma de vocês gosta de escrever? [levantamos as três a mão] E de ler? [todas respondemos “também”]. Há um ditado que os chineses têm, que é interessantíssimo e que diz assim: “Não escrevas um livro sem teres lido mil antes”. Faz sentido, porque, quando nós gostamos de escrever vamos criando aquilo que é o nosso eu na escrita. Mais narrativa, menos narrativa, mais dramática... Eu detesto escrever em diálogo, nem sei... Eu quando tenho que escrever diálogos vou ler livros de diálogos. Mas há partes em que nos sentimos confortáveis e outras não. Há autores que nos explicam de uma maneira quase metafísica como é que nós queremos escrever. O Paul Auster, por exemplo, leva-me a perceber que as personagens são aquilo que quisermos. Sándor Márai é fantástico na maneira como descreve as sensações inesperadas. Saramago é fabuloso na maneira como escreve e faz o que quer da escrita, do parágrafo, do tamanho da narrativa. Portanto, há toda uma série de pessoas que nos inspiram para depois sermos nós próprios. E nós próprios somos nós próprios. Não estamos aqui para vender nada e quem não gostar come menos. Quando escrevemos, devemos ter a percepção de que não estamos a querer ser melhores, nunca. Somos nós próprios, nem temos de ser mais dramáticos nem menos dramáticos.. E ler é nunca parar.

Quando tinha a nossa idade, cerca de 15 anos, já se sentia interessado pela leitura, ou nem por isso?

Um rapaz de 15 anos, aluno do Liceu D. Dinis, só queria era jogar à bola. O futebol era o meu mundo. Mas houve algo de que nunca desisti, e esta é a mensagem que mais gosto de passar, que passo aos meus filhos e sempre que vou fazer alguma leitura: ler é um ato de liberdade brutal, que a vida nos oferece e do qual muitas vezes, estupidamente, prescindimos, porque achamos uma seca. Não é, ler é a liberdade total. Não tem jogos, nem níveis, nem vitórias, nem derrotas...

Ler somos nós dentro daquela história. Eu, mesmo no auge da loucura das motas, das namoradas e dos “futebóis”, sempre li. Porque ler, para mim, sempre foi um prazer extraordinário. E, simultaneamente, sentia prazer em escrever. E escrevia muito, com 15 e 16 anos. Obviamente que com menos maturidade, com mais ânsia de querer mostrar tudo o que pensava e dizia, o que é próprio e saudável da idade, mas ler e escrever foram duas coisas que sempre me acompanharam.

Alguma vez pensou na leitura e na escrita como uma escapatória do mundo real?

Sim, mas não exatamente, isso, não exatamente como uma fuga. É mais como ter um sítio secreto, só nosso, que podemos visitar quando queremos. O simples facto de querermos algo de importante para a nossa vida e que sentimos que é importante para nós e de tomarmos essa decisão deliberada não nos transforma num fugitivo, origina a possibilidade encontrarmos um refúgio, onde estamos nós e só nós, e então aí sim afastados do ruído diário da sociedade, das guerras, dos problemas, dos terrorismos, da Internet, do Facebook, de toda a velocidade estonteante a que se vive no mundo... A este ritmo, corremos o risco de esgotar a vida antes de chegarmos aos 25 anos. Já vimos tudo, fizemos tudo, dissemos tudo. Hoje em dia tudo se passa a 500 à hora. Tirámos uma fotografia, está no Facebook, já estão a comentar, já disseram o que tinham a dizer, quando eu chegar a casa já está tudo arrumado no fundo da página... E é por isso que a escrita é importante, pois oferecemos-nos um espaço onde podemos estar em intimidade conosco mesmos, vendo as coisas, saboreando as coisas, analisando as coisas e escolhendo, porque muitas das escolhas que fazemos na vida são feitas na solidão, e não podemos esquecê-lo. Um livro às vezes é isso mesmo: estamos dentro de um livro, embrulhados na leitura, e

há algo que nos muda. O livro é esse abrigo.

Quando tinha a nossa idade, e até quando era mais novo, que profissão tinha em mente para o futuro?

Não faço a mínima ideia porquê, mas na fase dos 14 e 15 anos sempre pensei em ser economista, porque tinha um amigo que era economista e era alguém que cujo sucesso profissional admirava. Mas verdadeiramente o que eu queria era ser jogador de futebol. Esta vocação da escrita nunca ganhou uma base de sustentação tão forte que me permitisse arriscar uma carreira por aqui. Hoje, se voltasse atrás, imagino que talvez tivesse tido oportunidade de arriscar uma carreira literária. Mas isto é como tudo na vida: ou temos coragem e vamos à procura, ou não temos. E eu não tive.

Mas uma carreira literária ainda não está fora de questão, ou está?

Não, não está fora de questão, não há uma idade para começar, nem uma idade para acabar. Pode surgir ou não. E eu vejo-a daquele que considero ser um modo (da minha perspectiva e para mim) saudável. É algo que me encanta. É algo que exige muito de mim, exige trabalho, porque escrever é, como se costuma dizer, “90% de trabalho e 10% de inspiração”. Isto dá imensíssimo trabalho. Este livro [*O Intrínseco de Manolo*] tem seis revisões. De uma ponta à outra. Acabámos a revisão: “Está pronto? Não. Então vamos revê-lo.” Seis revisões. Sempre a bater no ceguinho. E sobre este livro [*Dizem que Sebastião*], posso dizer-vos que quando falei com a editora ela me disse: “João, do meio para a frente está fantástico, chegámos lá, não precisa praticamente de nada. Até ao meio está um caos total.” Eu cheguei a casa, fiz delete e reescrevi o livro até metade. Portanto, tudo isto implica muito trabalho. Agora, a carreira literária não está posta de lado? Não. Passo a passo, um de cada vez, eu diria que posso tentar ganhar um espaço dentro do mundo da leitura em

Portugal. Mas temos de perceber que não há muito espaço para autores novos em Portugal, porque em Portugal se lê pouco. Em cada dez amigos meus, oito não lêem. Oito. Não lêem. Já nem digo os meus livros, simplesmente não lêem. Porque não têm tempo. Parecendo que não, a pessoa está para ali duas horas por dia no Facebook. Depois não sobra tempo para ler.

Quais são os aspetos positivos e negativos da escrita e da leitura?

Eu diria que o aspeto positivo da escrita que favorece qualquer um de nós é a possibilidade que nos oferece de extravasarmos o que temos cá dentro. Positivo é que, quer queiramos quer não, existe a possibilidade de fazer uma catarse daquilo que nos incomoda, de nos conhecermos melhor a nós próprios. O que de negativo poderá haver na escrita será a eventual arrogância do escritor, quando se julga num patamar acima de quem não escreve. Na leitura, devo dizer que não encontro nenhum aspeto negativo. Nenhum. Nenhum. Mesmo ler algo que não preste pode tornar-nos ainda mais ricos culturalmente, porque identificamos algo que não tem nada a ver conosco. (...) Todo o livro, toda a leitura é interessante.

Beatriz Gaspar, Joana Silva e Rita Miranda 10º 1A

Entrevista publicada na edição de março de 2015 da Gazeta Valsassina

"Ler somos nós dentro daquela história."

Patrícia Reis

Patrícia Reis começou a sua carreira jornalística em 1988 no semanário *O Independente*, passou pela revista *Sábado* e realizou um estágio na revista norte-americana *Time*, em Nova Iorque. De volta a Portugal, é convidada para o semanário *Expresso*, fez a produção do programa de televisão *Sexualidades*, trabalhou na revista *Marie Claire*, na *Elle* e nos projetos especiais do diário *Público*. Editora da revista *Egoísta*, é sócia do atelier de design e texto 004, participando em projectos de natureza muito variada.

Escreveu a curta biografia de Vasco Santana e o romance fotográfico *Beijame* (2006), em co-autoria com João Vilhena, a novela *Cruz das Almas* (2004) e os romances *Amor em Segunda Mão* (2006), *Morder-te o Coração* (2007), que integrou a lista de 50 livros finalistas do Prémio Portugal Telecom de Literatura, *No Silêncio de Deus* (2008) e *Antes de Ser Feliz* (2009). Considerada como uma das mais originais e poderosas escritoras da atual literatura portuguesa.

Esteve no colégio Valsassina em janeiro durante a Semana do Património para apresentar uma sessão sobre Património da Língua e da Literatura. Foi uma oportunidade para os alunos do 9.º ano conhecerem um pouco mais sobre esta escritora.

Para si, o que é mais importante no processo de escrita? Tempo ou inspiração?

Não sei quantificar a percentagem de tempo ou de inspiração, tudo depende do livro. Os processos de escrita, no meu caso, não são necessariamente iguais. Um livro pode aparecer sem requerer investigação, outro pede mais tempo. A inspiração é relativa, o talento pode ser maior ou menor, o que valorizo mais é o trabalho. Nenhum livro se escreve sem trabalho sério, afincado. E, para isso, é crucial ter tempo, não apenas físico, mas mental.

Como concilia a profissão de escritora com a de jornalista? Uma tem influência na outra?

São escritas diferentes, contudo sei que a investigação que faço para um romance beneficia da minha experiência enquanto jornalista. Há códigos e regras na escrita jornalística, se quiserem, uma ética que devemos obedecer. Na ficção procuramos sempre a nossa voz, diferenciada, inovadora, outra forma de contar uma história, não há procura pela verdade ou pelo contraditório, a confirmação ou a validação, é um espaço mais livre.

Que influências têm as suas histórias?

Escrevo sobre o meu tempo. O que mais me importa são as relações entre as pessoas, a forma de comunicação, as rupturas e receios, as questões sobre a nosso lugar no mundo. Este é o meu chão de escrita, o meu espaço. Sou influenciada pelos acontecimentos à minha volta, numa escala maior ou menor, porque estou atenta. Ao mesmo tempo, creio que a escrita implica uma sensibilidade quase que exacerbada, portanto digo sempre que "sinto" tudo o que vejo. Consigo ter a imaginação de me transpor para uma situação A ou B. No limite, é a vida que me influencia.

Enquanto leitora qual o livro, ou livros, que mais a marcaram? E quais são as suas referências literárias?

São inúmeros os livros que me marcaram, começando nas leituras da adolescência. Não é possível fazer uma lista, pela simples razão de que somos leitores distintos ao longo da vida. *As Confissões de Lúcio*, de Mário Sá-Carneiro, foram um murro no estômago aos meus 14 anos. *O Amante de Marguerite Duras* aos 17. O Camilo Castelo Branco e o Eça de Queiroz são autores que me foram indispensáveis na formação, no trabalho da língua, vocabular. Mas depois seguem-se autores diferentes e todos importam; Agustina Bessa-Luís, Maria Teresa Horta, José Cardoso Pires, Inês Pedrosa, Lídia Jorge, José Saramago e os poetas, que eu não vivo sem poesia. Dito isto, acompanho mais possível os autores que vão publicando e há uma geração de autores de que gosto muito, Valter Hugo Mãe, José Luís Peixoto, Gonçalo M. Tavares. O que importa mesmo é ler. Continuar a ler.

Disse, durante a conferência, que nem sempre tem um final previsto para as personagens. Já lhe aconteceu não saber como acabar a história?

Não, na verdade nunca me aconteceu, porque sei que as personagens tomam uma vida própria e vão conduzindo a escrita até ao final que entendem. Dito assim pode parecer estranho, no entanto a verdade é esta: os personagens tomam conta do autor, guiam-no. No meu caso é assim. Num livro que publiquei há uns anos, *No Silêncio de Deus*, tencionava matar o personagem principal, não consegui. Ele não queria morrer e eu não o consegui matar.

Diz que estabelece uma relação especial com as personagens das suas histórias. Com todas? Só com algumas?

No processo de escrita, que é sempre longo (pode demorar cinco anos), vou criando laços de afecto com os personagens. Quando o livro termina, os personagens podem ir perdendo importância na minha cabeça, vão-se embora. Outros ficam. O Manuel Guerra, personagem do livro *No Silêncio de Deus*, ficou. A Sofia do livro *Por este Mundo Acima*, também ficou, de tal forma que comecei um livro novo tendo-a como personagem principal. Os outros não ficam comigo, calha até esquecer-me do enredo dos livros ou dos nomes dos personagens. A partir do momento em que o livro está no mercado, desligo-me, já não é meu.

Até à versão definitiva do livro, o que acontece? Reformula, faz

esquemas, acrescenta?

Até chegar à versão definitiva há um caminho árduo e até doloroso, chego ao fim por cansaço, porque escrevo, e reescrevo, sou capaz de apagar capítulos na íntegra e recomeçar. Sou capaz de ter escrito na terceira pessoa e passar para a primeira. É o que o livro pede. Não é um ofício fácil e é muito solitário, por isso importa ter algumas pessoas que são próximas, que reconheço como autores treinados e de excelência, que lêem, comentem e me fazem pensar. Uma vez acato sugestões, outras nem por isso, mas ter um eco do nosso trabalho antes de o entregar à editora é muito importante para mim.

As atuais transformações sociais e económicas alteram a sua maneira de escrever e de pensar as histórias que escreve?

O escritor é como uma consciência do seu tempo. Não está imune aos acontecimentos à sua volta. Depois do tsunami na Ásia, escrevi sobre isso. Depois do 11 de Setembro, muitos autores optaram por reflectir sobre o acontecimento e os resultados sociais consequentes. Estou certa de que a curto prazo teremos livros que abordam a questão dos refugiados. O escritor está no mundo, é um observador por excelência.

Dinamizou uma sessão para alunos do 9º ano relacionada com o Património da Língua e da Literatura". Qual é a importância deste património na formação dos alunos?

Como escreveu Fernando Pes-

soa, a minha Pátria é a minha Língua. Reforço a ideia de que a nossa identidade cultural importa e reflecte-se no património da Língua e da Literatura, espelhando ainda a História de Portugal, através da identificação de uma geografia de pertença: somos uma das línguas mais faladas do mundo, temos esse património em comum em vários pontos do globo. Importa que os alunos percebam que a língua não pode ser desvalorizada, tão pouco a cultura nacional, contemporânea ou passada. É quem somos, explica de onde viemos, escolhas e acontecimentos. Nunca entenderemos quem somos hoje, como país, nação, povo, sem entender o passado, a dimensão histórica. A Literatura devolve-nos uma consciência do seu tempo, explica-nos, porventura melhor até que muitos outros estudos, a chamada "pequena história" e isso permite-nos entender o Portugal através dos tempos. Ler Camões implica conhecer o seu tempo. E a mesma lógica se aplica ao ler Garrett, Pessoa, Sophia, Agustina.

Turma 9.º A

Entrevista publicada na edição de março de 2016 da Gazeta Valsassina

"O que importa mesmo é ler. Continuar a ler."



**COLÉGIO
VALSASSINA**
